Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Pará
Belém-Pará-Brasil

Revista Cocar, Belém, V.24, N.42, p. 1-17, 2026 ISSN: 2237-0315

Maiaú: o segredo das serpentes

Maiaú: el secreto de las serpientes

Zilene dos Reis Maciel
Universidade do Estado do Pará (UEPA)
Belém/PA-Brasil
Nazaré Cristina Carvalho
Universidade do Estado do Pará (UEPA)
Belém/PA-Brasil

Resumo
Este artigo, recorte de uma dissertação de mestrado da Universidade do Estado do Pará, investiga o mito e o imaginário nas oralidades de moradores idosos do complexo de Maratininga, em Moju/PA. O objetivo central é apresentar a mitologia da serpente, focando na Cobra Grande da Amazônia (Boiuna ou Cobra Navio), figura temida que habita o cotidiano e o simbólico do caboclo ribeirinho. A relação entre homem e natureza é mediada pelo devaneio e pela imaginação, onde rios e florestas tornam-se espaços de coexistência entre o natural e o sobrenatural. A análise percorre a presença da serpente na mitologia mundial e a mitopoética das Cobras Grandes Encantadas da Lagoa Maiaú: Noratinho e Maria. Conclui-se que o mito e o imaginário, fios condutores da cultura amazônica, são fundamentais na construção da memória simbólica coletiva e na percepção de mundo das populações tradicionais.
Palavras-chave: Imaginário amazônico; Narrativas orais; Maiaú.

Resumen
Este artículo, recorte de una tesis de maestría de la Universidad del Estado de Pará, investiga el mito y el imaginario en las oralidades de residentes ancianos del complejo de Maratininga, en Moju/PA. El objetivo central es presentar la mitología de la serpiente, enfocándose en la "Cobra Grande" de la Amazonía (Boiuna o Cobra Navio), figura temida que habita lo cotidiano y lo simbólico del caboclo ribereño. La relación entre hombre y naturaleza es mediada por el ensueño y la imaginación, donde ríos y selvas se convierten en espacios de coexistencia entre lo natural y lo sobrenatural. El análisis recorre la presencia de la serpiente en la mitología mundial y la mitopoética de las "Cobras Grandes Encantadas" de la Laguna Maiaú: Noratinho e Maria. Se concluye que el mito y el imaginario, hilos conductores de la cultura amazónica, son fundamentales en la construcción de la memoria simbólica colectiva y en la percepción del mundo de las poblaciones tradicionales.
Palabras clave: Imaginario amazónico; Narrativas orales; Maiaú.

Maiaú: o segredo das serpentes

Introdução

Este artigo, de cunho qualitativo e com base em narrativas orais colhidas junto a moradores do território de Maratininga, em Moju/PA, é parte de um estudo desenvolvido no Programa de Pós-Graduação Strictu-Sensu (Mestrado) da Universidade do Estado do Pará, no qual buscamos compreender de que modo a mitologia da serpente estrutura o imaginário amazônico e a memória cultural local. Apresentamos aqui um recorte sobre o imaginário amazônico, este dotado de muitas facetas e em suas diversas formas de manifestação.

Para tanto, a pesquisa assume uma abordagem qualitativa de cunho fenomenológico, orientada pela perspectiva Existencial Dialética de Maurice Merleau-Ponty (2006). O percurso metodológico adota a entrevista narrativa e a observação participante para acessar o imaginário e a memória cultural dos moradores idosos do complexo de Maratininga.

Maiaú, lugar encantado, é a região onde Noratinho e Maria, paridos nas águas ainda crianças, brincavam enquanto cresciam; elas são "serpentes coloridas, muito brilhantes, cintilantes" (Narby, 2018, p. 14). Segundo Oliveira (2020), serpentes caleidoscópicas estão associadas em todo lugar, presentes nas mais diversas ideologias das culturas humanas.

Na mitologia suméria, a serpente *Timat* foi a mais importante divindade da civilização, até que *Marduque*, ao matá-la e dividir seu corpo, conquistou o posto mais alto no panteão sumério. No Egito, símbolo telúrico, representava o Deus *Rá*. Na Grécia antiga, era símbolo de sabedoria, constituindo-se, inclusive, como emblema do curso de Medicina.

Serpente, símbolo do rio e dos mistérios das águas, as encontro na Lagoa Maiaú, em Moju/PA. Ali remonto histórias, remexo as memórias dos mais velhos das comunidades, mito a se imbricar no imaginário. Para Loureiro (2000, p. 323), o mito, enquanto mito ou poesia, não faz uma "cultura superior ou inferior à outra, no termômetro de graus de valor. Nele, o que se pode fazer, quando contemplamos, [...] como expressão poética, é deixá-lo dissolver-se na doçura".

Experiência compartilhada, a tratar de tantos mundos e lugares, os mitos nutrem a curiosidade, memória e imaginário, e Moju é um destes lugares cuja memória e imaginário se preservam. Imaginário que Durand (2012, p. 18) diz ser o "conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do homo sapiens", imaginário que se faz presente no mito mojuense sobre o casal de irmãos encantados em cobra: Noratinho e Maria.

Para Santos (2017), na Amazônia, o mito é muito presente no cotidiano da população ribeirinha; ele impulsiona e rege a vida das comunidades, surgindo como explicação para o

inexplicável. É a forma de organizar dada realidade, ao mesmo tempo em que cria representações simbólicas que organizam a vida de toda sociedade.

Assim, para compreendermos o imaginário amazônico, é preciso percorrer caminhos serpenteados pelos rios e margeados pela floresta e, deste modo, o presente artigo tem como objetivo geral apresentar a mitologia da serpente presente em algumas civilizações, momento em que evidenciamos a mitopoética das cobras grandes encantadas, Noratinho e Maria, da Lagoa de Maiaú em Moju, Pará, personagens principais nessa escritura repleta de mistério, magia e encantamento.

As escamas da cobra: subjacências da pesquisa

Antes de darmos continuidade e nos aprofundarmos nas sinuosidades da serpente, faz-se necessário pontuar o percurso metodológico que guiará nossos passos nesta escrita. Esta investigação caracterizou-se como uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa, cujo aporte teórico-filosófico molda-se à perspectiva fenomenológica. Orientamo-nos, pela vertente Existencial Dialética de Maurice Merleau-Ponty (2006) para compreender a experiência vivida e o maravilhamento do caboclo ribeirinho diante das águas.

O cenário que acolheu este estudo constituiu-se no complexo de Maratininga, em Moju/PA, tecendo-se através do cotidiano de suas cinco vilas a saber, Ouro Verde, Cardoso, Perpétuo Socorro, Santa Maria e São José. A interlocução e a escuta cuidadosa delimitaram-se junto aos moradores idosos dessas localidades, legítimos guardiões da memória cultural local, narradores com idades entre 70 e 103 anos. Como instrumentos de coleta de dados, fez-se uso do diário de campo, da observação participante e da entrevista narrativa.

A técnica que nos conduziu na sistematização e interpretação dos dados catalogados pautou-se na Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (1977). O processo de escuta atenta e leitura flutuante do material empírico transcrito permitiu isolar os núcleos míticos que habitam o imaginário local. A categorização desse *corpus* analítico desvelou os múltiplos saberes que emanam da narrativa das cobras grandes, os quais foram divididos e compreendidos a partir de eixos fundamentais: os saberes encantados, os saberes ambientais (abrangendo os mistérios e segredos das águas, da fauna e da flora) e os saberes geográficos, evidenciando como a mitopoética atua na organização, no sentimento e na percepção do mundo tradicional.

A mitologia da serpente

Nos contornos do mundo, a serpente é um dos animais mais conhecidos. Na imaginação das civilizações antigas, possui simbolismos complexos e ricos, sendo senhora do perigo, da malícia, da astúcia e da locomoção. Do plano simbólico ao físico, ela representa o arquétipo da alma e da libido.

Atributo da intemporalidade cósmica e telúrica, manifesta-se ora feminina, quando seduz e se enrosca, ora masculina, quando rompe com os ímpetos do desejo, sendo objetiva e fálica. Ela não representa, portanto, um único arquétipo, mas vários deles ligados à noite fria, pegajosa e subterrânea das origens. É o reservatório, o potencial em que se originam todas as manifestações, bem informa Chevalier (2001).

De uma geração a outra, a mitologia da serpente demarca heranças e tradições arcaicas. Para Pessoa (2020), a cobra está presente na mitologia de diferentes povos. No Antigo Egito, a grande serpente é *Mehen* ou *Nehaher*, caracterizada com corpo de homem e cabeça de ofídio; em uma das mãos, porta uma lança com a qual defende a barca solar do deus *Atum-Rá. Mehen* também é confundida com a serpente *Apófis*, a serpente das trevas.

Pessoa (2020) ainda informa que, no Baixo Egito, a serpente é a víbora *Wadjet* ou *Wedjoyet,* a "Senhora do Medo" e "do Terror", aquela que cospe fogo para proteger o Faraó. *Wadjet* é vista também como ama de leite do deus Hórus em *Khemnis*, sendo por isso associada à deusa *Ísis*, protetora dos destinos.

Seguindo os rastros da serpente, encontramos a civilização grega. Brandão (1987) assegura que, na Grécia Antiga, a serpente aparece na Batalha de Salamina, na figura de *Quicreu*, o herói serpente que lutou contra os persas de Xerxes em cima de uma nave grega. Ela ainda aparece como Píton, a grande serpente-dragão nascida do lodo da terra, enviada por Hera para matar Leto, quando ela ainda estava grávida dos deuses Apolo e Ártemis.

Apolo, o mais solar, foi enviado para livrar o oráculo de Delfos da serpente Píton, matando-a. "Apolo destituiu, definitivamente, a Deusa Mãe e a Serpente do seu poder" (Bortelli, 2013, p. 153); e, por ter corrompido o lugar com o sangue da serpente, Apolo foi punido, tornando-se o senhor de Delfos, concentrando os poderes oraculares do deus Pítico.

Ainda na mitologia grega, a serpente é associada ao dom da cura e da sabedoria. Asclépio, filho do deus Apolo, desempenhou a arte da medicina e da cura, dons advindos de seu pai que, por meio das águas do oráculo de Delfos, possuía o poder da cura. Asclépio "desempenhava suas funções iátricas nos oráculos por incubação com finalidade

terapêutica" (Brandão, 1987, p. 50). Talvez por isso, a serpente tenha sido associada ao símbolo do curso de Medicina.

Brandão (1986), continuando a relatar fatos da cobra na mitologia grega, informa que a serpente apresenta várias facetas e que não se pode tratar da mitologia ofídica sem mencionar a Górgona Medusa, mulher cujos cabelos são serpentes, dentes pontiagudos como os de um javali, possuindo um olhar flamejante com o qual transformava em pedra quem quer que ousasse mirá-la.

Sacerdotisa do templo de Atenas, após ter sido tomada à força por *Posídon*, com quem teve um filho, tornou-se Medusa, temida pelos mortais. Perseguida por Perseu, teve sua cabeça decapitada e entregue a Atena, que a usava no centro de seu escudo, com o qual transformava em pedra seus inimigos.

Da mitologia grega aos Vedas, temos as concepções de Rosi (2021), ao destacar que, na cultura hindu, a cobra aparece como força vital e sexual, transcendente na figura de *Kundalini*, serpente enroscada na base da coluna vertebral de cada ser humano.

Na prática da ioga, a serpente enrolada se desenrola quando o ser humano se movimenta. Desperta, eleva-se e faz uma dança, revelando-se na forma de uma serpente em pé, senhora da eternidade. Rosi (2021, p. 51) ainda esclarece que, a partir da *Kundalini*, inferimos as potências simbólicas da cobra e que "por meio dos ensinamentos relacionados a uma prática filosófica, a ioga busca a evolução do homem, aliando conceitos filosóficos, espirituais e corporais".

Outro autor que explica as características espirituais e corporais da serpente é Bonetti (2013), mostrando que, na cultura hindu, a serpente também pode representar o deus Shiva, o dançarino divino, que em performances do viver, morrer e renascer, cria a dança, seu culto e os movimentos que envolvem o corpo.

Seguindo as sinuosidades da grande serpente, nas mitologias ameríndias, a encontramos unida ao pássaro e, portanto, ligada aos poderes celestes. Para os astecas, Pereira (2011) explica ser *Quetzalcóatl* a serpente macho deidade ancestral.

Quetzalcóatl é representada por uma serpente emplumada ou réptil com asas (voador). Ela está associada à umidade e às águas da terra, bem como ao surgimento do vegetal milho, o qual só foi possível chegar à terra após a queda de uma das penas da serpente que, em contato com a chuva, originou o vegetal.

Retomando aspectos da cultura asteca e sua mitologia da serpente, outra forma pela qual a víbora de plumas é observada remete ao fato do ofídio voar, haja vista as primeiras civilizações acreditarem que a chuva foi originada do voo da serpente, momento em que suas asas, tocando as nuvens de chuva, faziam precipitar o líquido precioso.

Sob a serpente emplumada, têm-se ainda as perspectivas de Chevalier (2001), ao mencionar que a serpente de plumas é a própria nuvem de chuva e o acúmulo de reflexos prateados do meio do verão; daí advém seu outro nome: Deus-Branco, cujo ventre deixa escapar o suor da chuva. Essa forma relembra imagens similares da cultura chinesa, na qual o dragão representa a serpente e está sempre no espaço celeste, destaca Bonetti (2013).

Da cultura hindu à asteca e desta aos maias, Pereira (2011) esclarece que o ofídio emplumado é *Kukúlcan*, senhor da morte e do renascimento. Os maias acreditavam que a cobra, por motivo de seus hábitos em frequentar a terra, tanto na superfície quanto no subterrâneo, é considerada a senhora da conexão entre os deuses e a humanidade.

A boca aberta de *Kukúlcan* assemelha-se à caverna que dá passagem ao submundo. No México, em território maia, uma pirâmide foi construída e dedicada a *Kukúlcan*. Durante os equinócios que acontecem nesta região, a sombra do sol que bate na escadaria da pirâmide forma um longo corpo de serpente que vem se unir à grande cabeça, feita de pedra, localizada na base da pirâmide.

Retomando as perspectivas de Chevalier (2001), na mitologia africana a serpente aparece como *Dan* – a cobra. Na cultura iorubá, é o deus *Oxumarê*, homem que se transforma em serpente arco-íris, ligando a parte de cima do mundo à de baixo, aparecendo depois de cada chuva. Filho de Nanã, a ele teria sido destinada a governança da cidade de *Ilê Ifé*, na África. Conforme a mitologia iorubá, *Dan* seria responsável por trazer a água do céu para a terra, sendo ainda responsável por manter vivas as florestas e alimentar o grande jardim de *Oxum*.

Seguindo a sinuosidade da grande serpente, a encontramos nos escritos bíblicos. Lá, ela está associada à mentira e à traição, como também seu simbolismo está unido à cura. Em Gênesis (3,1-2), ela representa o meio pelo qual Satanás mentiu e enganou Eva, levando-a a desobedecer a ordem de Deus e comer do fruto proibido, partilhando com seu marido Adão, tornando-se símbolo da mentira e traição. No livro de Apocalipse, o Diabo é comparado a uma serpente.

No entanto, ela também está relacionada à cura. Em Números (21, 4-9) encontramos a peregrinação do povo hebreu pelo deserto que, devido às dificuldades enfrentadas na travessia, blasfemam contra Deus, o qual fez surgir serpentes de areia que picam os blasfemadores. Arrependidos por serem punidos por Deus, os hebreus pedem ajuda a Moisés, que os manda confeccionar uma estátua de bronze na forma de serpente que, após ser erguida num ponto central do acampamento, cura aquele que fosse picado, somente ao olhá-la.

Na Amazônia, a imagem da serpente está representada pelos rios espelhados em suas curvas sinuosas; raízes que subjazem no imaginário do amazônida, que tem a cobra como animal encantado. A esse respeito, Fonseca (2013, p. 24-25) expõe que a cobra grande é:

> a própria imagem de um ser perfeito. Tome-se, à guisa de um simples exemplo, a sua capacidade de pertencer ao mundo aquático, de transitar com uma desenvoltura invejável pela terra e conseguir atingir os galhos mais altos das imensas árvores da floresta. Por isso, não é descabido concluir que ela frequenta todos os reinos da natureza, o da água, o da terra, o do ar. Não se pode esquecer também o do fogo, uma vez que aquele animal, por possuir um elemento anatômico – a língua – que se movimenta em forma de chama, tem, além disso, a capacidade de injetar, por meio daquele órgão, um elemento ardente – o veneno –, que, literalmente, queima o corpo de quem tem a infelicidade de ser alvo da sua investida, às vezes, fatal. [...] a Cobra é o próprio emblema da viagem que melhor define a sua forma de estar no mundo.

Em concordância com Fonseca (2013), Paulo Corrêa (2016), em *Cobra Grande: terror e encantamento na Amazônia*, evidencia que a Cobra Grande aparece em várias partes da região amazônica, sendo conhecida como Cobra Grande ou Boiuna, classificando-a a partir de três formas: cobra enquanto cobra, cobra navio e cobra encantada.

Na categoria "cobra enquanto cobra", a serpente surge como um animal que cresceu desmedidamente, aparecendo nos rios, lagos e igarapés da região, vista geralmente por pescadores e ribeirinhos.

Sob as aparições da cobra grande, conta um senhor que, certa tarde, no inverno grande, foi ver os *mundurus*[i] e os *maçarás*[ii] que havia colocado na beira do igarapé Campo, na região de Maratininga. Chegando perto dos *maçarás*, ele sentiu um pitiú tremendo e, "do nada", subiu um banzeiro[iii]; quando, de relance, olhou para frente avistando duas cobras enormes; com medo, ele largou o casco e subiu numa árvore.

Narra o senhor que as cobras eram tão grandes que, se quisessem, o derrubavam da árvore e o devoravam; dizia ele: "aqui é só Deus comigo e o meu terçado. Uma das cobras

passou um tempo me olhando, até que mergulhou e foi embora. Monstra de cobra! Por onde elas passavam, as folhas do igarapé subiam do fundo".

A esse respeito, relata Loureiro (1995) que, no imaginário da população ribeirinha, entre as encantarias do fundo do rio, está a Boiuna: *mboi*, cobra, *una*, preta, a cobra grande, temida pelos que moram às margens dos rios. Carvalho (2014, p. 225) diz que "a figura da cobra aparece como algo assustador e ameaçador, que pode virar os barcos e as pequenas canoas, para poder devorar suas vítimas". É o espírito do mal, o terror das águas do rio, que afugenta homens e animais.

Retomando Corrêa (2016), na categoria "cobra enquanto navio", a serpente se mostra transfigurando-se em um grande barco iluminado. Nas noites escuras, "seus olhos brilham no escuro como dois faróis de fogo iluminando os remansos dos rios, fazendo com que ela seja confundida pelo caboclo com um barco ou navio iluminado" (Carvalho, 2014, p. 225).

Das categorias de Corrêa (2016), encontramos a Cobra Grande como "cobra encantada", isto é, pessoa que nasceu do relacionamento de uma mulher com um ser encantado. Encantamento, nesse sentido, significa ter a capacidade de se metamorfosear de gente em cobra, ou vice-versa, ou mesmo ser encantado por um ofídio, se transformando em cobra grande. Nessa classificação se inserem as narrativas de Noratinho e Maria, cobras grandes da Lagoa de Maiaú, habitantes das encantarias dos rios.

Moju, como todo território paraense, é recortado por narrativas das diversas etnias indígenas que aqui prosperaram, base das origens de muitos fenômenos geográficos está o mito das cobras. Dentre as muitas narrativas, encontramos as de *Umusi Pãrõkumu* e *Tõrãmu Kehíri* (2019), no livro *Antes o mundo não existia: Mitologia Desana-Kèhiriõrã*, assemelhando-se às narrativas de cobras encantadas encontradas na Amazônia.

A serpente aparece na obra como uma grande cobra canoa, chamada de Canoa da Transformação. Para o povo Desana, antes da etnia subir à superfície da terra, os primeiros Desana nasceram e viajaram dentro da grande cobra canoa e, logo depois, partiram em uma longa viagem nas profundezas dos rios Amazonas, Rio Negro, Rio Uaupés e Rio Tiquié, onde iam transformando em gente os enfeites doados pelos quatro avôs do mundo.

Para Yamã (2007), do povo *Mawé* ou *Saterê-Mawé,* indígenas do tronco linguístico Tupi, a serpente surge desde a criação da humanidade. Eles contam que, no início dos tempos, existiam apenas forças cósmicas, *Tupana*, deus do bem, e *Yurupary*, deus do mal. Cada um deles criou um astro para representar sua personalidade: *Tupana* criou o Sol e *Yurupary*, a Lua.

Os deuses, vendo que suas criações viviam separadas, pois o Sol só aparecia de dia e a Lua à noite, fizeram sair do grande infinito uma serpente gigantesca, a *Mói Wató g Karú Sése*, para servir de mediadora entre os dois astros.

Mas acontece que, igual a mulher sedutora, a grande serpente se envolveu com os dois astros, pois quando a noite chegava, ela se deitava com a Lua e a amava; e no amanhecer do dia, se deitava com o Sol e o amava, sem que um soubesse do relacionamento da cobra com o outro, nem sequer desconfiasse da traição.

Dessa relação, a grande serpente gerou gêmeos, dos quais não sabia quem era o pai - *Y'y'wató*, o Planeta das Águas, habitado por Encantados e criaturas fantásticas; e *Ywyka'áp*, o Planeta Terra, habitado por seres minerais. Depois do feito, a Cobra Grande foi habitar no lugar mais profundo do Planeta Água.

Certo dia, *Tupana,* vendo que os filhos da Cobra Grande eram bons, resolveu unir os dois planetas e, assim, o Planeta Terra começou a "lamber" o Planeta Água. A Terra passou a ser um lugar fértil, com grandes florestas, rios, cachoeiras, lagos e igarapés, e do encontro novos seres mágicos surgiram e começaram a habitar o novo mundo.

Os seres Encantados, habitantes do planeta Água, admirados com a união dos planetas, também queriam viver com os seres mortais e, assim, pediram aos pajés para que os transformassem em seres terrestres. Foi então que os pajés abriram um portal entre o rio e a floresta, de onde os seres Encantados passavam para frequentar o planeta Terra.

Com o passar do tempo, os seres dos dois mundos se corromperam. Os seres do planeta Água copularam com os seres do planeta Terra, gerando outros seres com personalidades bem diferentes.

Tupana, vendo o que havia acontecido, se entristeceu com sua criação, assim tirou o planeta Água do planeta Terra, levando-o para o céu. Os seres encantados do planeta Água, com saudades do planeta Terra, quiseram formar um novo paraíso. Começaram, assim, a procurar entre os animais do planeta Água quem melhor servisse para a missão.

Depois de muito procurar, os Encantados, com raiva de *Mói Wató g Karú Sése*, pois foi por causa dela que a traição começou a existir nos planetas, castigaram-na, levando-a para ser transformada por meio da pajelança no novo planeta Terra. Triste com a atitude de seus filhos, a Cobra Grande se sacrificou, se transformando na Mãe-Terra (mãe de todos os seres).

É pelo olhar que a grande serpente "mundia" e prende a contemplação do caboclo ribeirinho. Presente no mito, as narrativas relatam sua existência e façanhas. Ela tem sido um dos pilares da mitologia amazônica, sustentando a imaginação, irradiando ensinamentos transmitidos pela oralidade, servindo de suporte à formação da identidade e do imaginário que atravessa as comunidades.

Mito e Imaginário

Mas, então, o que seria o mito? Definir o termo *mito* é como entrar em um labirinto. Termo complexo e com uma variedade de perspectivas, a terminologia é atravessada por inúmeras interpretações. É função do mito fornecer modelos de comportamento, ou seja, permitir a construção individual e coletiva da identidade, carregando uma dimensão pedagógica, como bem informa Pitta (2017).

Segundo Mircea Eliade (2016), o mito fundamenta e justifica a vida de toda uma sociedade, estabelecendo regras de comportamento a toda atividade do homem, entendido por seu caráter sagrado e tido como uma história verdadeira.

E como expõe Eliade (2016), para o homem das sociedades onde o mito ainda é vivente, onde age e vive livre, acessível, embora muitas vezes se encontre em profundo mistério - atual e milenar, camuflando-se em outras histórias, envolvido em outras crenças, escondido em outros medos e temores, o mito é força mágica. Pois, como afirma Eliade (2016, p. 128):

> O mito em si mesmo não é uma garantia de 'bondade' nem de moral. Sua função consiste em revelar os modelos e fornecer assim uma significação ao Mundo e à existência humana. Daí seu imenso papel na constituição do homem. Graças ao mito, como já dissemos, despontam lentamente ideias de realidade, de valor, de transcendência. Graças ao mito, o Mundo pode ser discernido como Cosmo perfeitamente articulado, inteligível e significativo. Ao narrar como as coisas foram feitas, os mitos revelam por quem e por que o foram, e em quais circunstâncias. Todas essas 'revelações' engajam o homem mais ou menos diretamente, pois constituem uma 'história sagrada'.

Percebe-se, então, que o mito não pode ser lógico, pois ele se abre e voa em todas as correntes, se presta a todas as interpretações, se exibe e se oculta, e, desta forma, está no modo em que é proferido.

Destarte, Brandão (1986) diz ainda que, nas sociedades arcaicas ou culturas primárias, o valor do mito como exposição de um acontecimento primitivo é entendido pelo grupo como decorrido por intervenção de entes sobrenaturais, que comunicam o que realmente aconteceu, o que se manifestou completamente.

Desta forma, o mito é a forma de as sociedades espelharem suas contradições, exprimirem seus paradoxos, dúvidas e inquietações. E, como pondera Eliade (2016, p. 16), "narram não apenas a origem do mundo, dos animais, das plantas e do homem, mas também de todos os acontecimentos primordiais".

E, se o mito narra a vida, a morte, a criação, a destruição, se trata de amor, ódio, belas histórias, se conta e guarda segredos, explicando os porquês de os homens terem aprendido a pescar, caçar, curar, foi porque tal ensinamento lhes foi revelado, num tempo mítico, por um ente sobrenatural - conhecido pelo que foi feito em um tempo prestigioso, pertencente aos primórdios.

Os mitos ensinam como repetir os gestos dos primórdios proferidos pelos entes sobrenaturais, que, na ocasião do ocorrido, ensinaram aos sábios - geralmente, uma pessoa mais velha - "aquele que guarda os mitos em sua memória, o tratamento deste conhecimento e a transmissão por meio da narrativa mitológica para as gerações futuras" (Rosi, 2021, p. 37).

Na Amazônia, mito e imaginário se imbricam a fim de explicar outras realidades. Imagens refletidas nas florestas, rios, criam mundos, recriam realidades por meio de imagens. O ser humano, envolvido pelo ambiente, compreende o mundo, apreende a vida social, cria e transforma imagens pelo que percebe ao seu redor.

Imagens marcadas de sentimentos e experiências, saturadas de referências, se dão de forma diferente para cada pessoa, "mas não há imagem sem imaginação, sem um processo que as inicie, as anime, as deforme, criando sempre novas imagens" (Pitta, 2017, p. 43).

Para Durand (1993), a imaginação não é simplesmente o reequilíbrio da objetivação científica através da poética, tal como sugere Bachelard. Ela se revela como fator geral de equilíbrio psicossocial. Segundo ele, do ponto de vista antropológico, o imaginário surge do conflito entre duas forças antagônicas, de dois regimes, e tal dinamismo antagônico permitiu distinguir manifestações psicossociais da imaginação simbólica e de sua variação no tempo.

Sendo assim, a imaginação simbólica desempenha dois papéis essenciais: a primeira, como fator de reequilíbrio mental; e a segunda, como reação a uma situação que não pode ser evitada, isto é, a morte. A imaginação será, então, o meio pelo qual o homem se alivia e se cura de seus desajustes psíquicos, uma vez que seu mal existencial é perceptível em seus medos e angústias, e as imagens que atravessam a imaginação dispõem de um "coeficiente de equilibração, de libertação e de felicidade" (Pitta, 2017, p. 52).

Maiaú: o segredo das serpentes

Mesmo em contato com imagens negativas, a imaginação encontra meios para compensar seu lado sombrio, a fim de trazer um devaneio feliz. Assim, a imaginação permite à humanidade transitar por caminhos possíveis de atingir o real, como também de visualizar a possibilidade de tornar as coisas realidade. Realidade que encontramos na lagoa de Maiaú e seu casal de cobras encantadas, Noratinho e Maria.

As cobras de Maiaú

Escrever sobre o município de Moju é tratar de fatos que cercam o cotidiano do caboclo ribeirinho e sua relação com a natureza, já que ele está cercado por matas, rios, furos e igarapés, circundado por uma paisagem que possibilita a passagem para uma realidade poetizante, a qual, por meio do *sfumato*, o amazônida abre um portal entre o cotidiano e o misterioso. Traçar um panorama sobre o município de Moju é lembrar que ele carrega três contos de origem: um de caráter religioso, outro histórico e o de cunho cultural.

O primeiro, registrado nos livros paroquiais, narra a criação do município pelo descobrimento de uma pombinha em ouro, às margens do rio Moju; o segundo relata a ocupação da região pela Coroa portuguesa, assim como a chegada de pessoas escravizadas para trabalhar nas lavouras e seringais.

E o terceiro conta o surgimento da cidade a partir do nascimento de duas cobras encantadas, no Médio rio Moju, além das inúmeras histórias sobre vultos, fantasmas e fenômenos sobrenaturais que ocorriam e ainda ocorrem nos arredores da cidade.

Como um grande portal do passado, tem-se a origem cultural de Moju, que conta que uma linda cabocla de cabelos cacheados, escuros como a noite, olhos levemente amendoados e pele cheirando a jenipapo foi seduzida nas margens do igarapé Maratininga por uma cobra encantada.

A bela cabocla, antes do cair da noite, saía para pescar no *piri* e coletar as frutas da estação, como castanhas, muruci e mucajá; no retorno à sua casa, ia recolhendo os anzóis fincados na margem do igarapé.

Acontece que, numa tarde, quando o sol já ia baixo, apareceu na margem do rio um lindo rapaz que entregou à bela cabocla uma cambada de peixe, e por ele ela se apaixonou. Como que *mundiada*, a jovem começou a se relacionar às escondidas com o belo rapaz, e os encontros apaixonados aconteciam na beira do rio.

Com o passar dos meses, ela percebeu que estava gestante e, ao esperar o rapaz na margem do rio para contar a notícia, este não mais apareceu. Desolada, cuidou com carinho

do fruto de seu amor. Quando a hora do parto chegou, a bela cabocla tomou um susto ao saber que esperava duas crianças, ou melhor, dois encantados, pois do seu enlace amoroso nasceram os gêmeos Noratinho e Maria, Cobras Grandes encantadas do Médio rio Moju.

Contam os mais velhos que, depois do parto, a bela cabocla os alimentou com o leite do peito e os soltou nas águas do rio Moju, onde eles cresceram formando um lugar, hoje conhecido como Maiaú – o esconderijo das cobras. Conforme iam se desenvolvendo, os irmãos se metamorfoseavam de cobra em gente para frequentar as vilas em dia de arraial, dançar e namorar, mas esta parte da história é assunto para outra ocasião.

Considerações Finais

A relação desenvolvida pelo homem amazônico com a natureza que cresce neste espaço reluz e ilumina a cultura, seja pelos banhos nos rios, andanças na mata, a cultura amazônica é tecida durante as noites na floresta a contemplar a lua, ou ainda no apreciar do rio na soleira da janela. O certo é que o imaginário reflete o mito; ambos entrelaçados pela relação poética, o imaginário está para o mito como a natureza está para o homem.

O caboclo ribeirinho da Amazônia vive seu cotidiano tentando desvendar os segredos da mata e dos rios. Morando em áreas isoladas e alimentando-se daquilo que a natureza lhe oferece - peixes dos rios e igarapés, frutas e caças da floresta - ele avista a natureza em sua proporção descomunal.

Cria categorias como perto-longe, mundo real-irreal, mítico-poético, convivência-estranhamento para superar sua pequenez frente à exuberante floresta que o cerca e, assim, transfigura o seu lugar. Desenvolve, por meio do olhar, processos criativos pelos quais revela, cria e recria sua realidade, onde o mundo em que habita transita seres naturais e sobrenaturais.

É por meio do rio e da floresta que a poesia amazônica se expressa e, graças a esses elementos, percebemos o Boto, o espírito das águas a aflorar dos rios e igarapés, cheio de amor para enfeitiçar as moças; a Uiara, sereia que encanta os homens na flor d'água e os leva para a morte no fundo do rio; a Boiuna, grande cobra iluminada, esplendor das águas.

Na mata, a matintaperera, pássaro misterioso que no dia seguinte se transforma em mulher; as Amazonas, mulheres guerreiras que, em ritual orgiástico, recebem homens para procriação. Assim, o nativo povoa o espaço amazônico com uma populosa teogonia, seres com os quais convive por meio do devaneio contemplativo.

O olhar contemplativo e devaneante, nascido na solidão diante do rio e da floresta, vai amalgamando a natureza física, criando uma natureza ideal dentro de uma atmosfera própria, pelo evocar do *sfumato* e do maravilhoso, e desse assombro alcança a dominância do imaginário, tornando-a encantada e admirável.

E o imaginário se apresenta por essas imagens. A compreensão da formação do imaginário amazônico dá-se pela interpretação de contextos históricos e sociais, signos, símbolos e representações.

Imaginário resultante das representações existentes, como os mitos presentes nesta região, que são revestidos, dia após dia, de novo significado, imbricado no social. O homem amazônico impregna sua vida particular com cargas simbólicas - ele trabalha, festeja os santos, teme o sobrenatural.

A mitopoética da Lagoa do Maiaú traduz um maravilhamento nascido do discernimento do imaginário ao real; isto é, o imaginário explicando e misturando-se com a realidade. A natureza deixa de ser apenas um espaço físico para se tornar ontológica e transcendente.

O mito das cobras encantadas da Lagoa do Maiaú alude ao nome da cidade de Moju que, em tradução tupi-guarani, significa "rio das cobras". A forma serpenteada dos rios, igarapés, furos e afluentes espelha no imaginário local a abertura do rio ao peito por Noratinho que, em fuga a outras regiões, vai alargando-os, formando os acidentes geográficos do município.

Assim, o mundo teogônico gerado na Amazônia é instituído pela criação imaginária. Ele é utilizado para explicar as relações dos homens com os homens e destes com a natureza. A natureza é parte da vida do amazônida, que, neste ethos, a envolve no espaço de representação imaginária.

Seria, assim, o imaginário mojuense uma ramificação do amazônico, pois o caboclo apreende desde cedo o cultivo da terra, o tempo de plantar e colher, e vê na natureza a grande mãe que protege e gere os seus; reconhecimento refletido nas águas que cercam esta vasta região. No mais, o homem amazônico entrelaça os elementos do real e do irreal em uma única realidade, criando uma cultura de sabedoria duradoura, o imaginário refletido no mito.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Martins Fontes, 1977.

BONETTI, Maria Cristina de Freitas. **O sagrado feminino e a serpente**: performance mítica na simbologia das danças circulares sagradas. 2013. 381 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2013.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. V. 1. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. V. 3. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

CARVALHO, Nazaré Cristina. Caleidoscópio do imaginário ribeirinho amazônico. **Instrumento: R. Est. Pesq. Educ.**, Juiz de Fora, v.16, n. 2, jul./dez. 2014. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/18913. Acesso em: 22 fev. 2023.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

CORRÊA, Paulo Maúes. **Cobra grande**: terror e encantamento na Amazônia. Bélem, PA: Paka-Tatu, 2016.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. 4. Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Lisboa, Portugal: Perspectivas do Homem, 1993.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2016.

FONSECA, Mário Geraldo Rocha da. **A cobra e os poetas**: uma mirada selvagem na literatura brasileira. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2013.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica**: uma poética do imaginário. Belém: Cejup, 1995.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Obras reunidas**. São Paulo: Escrituras Editora, 2000.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

NARBY, Jeremy. **A serpente cósmica**: o DNA e as origens do saber. Rio de Janeiro: Dantes, 2018.

OLIVEIRA, Leandro Vilar. **A guardiã dos mortos**: um estudo do simbolismo religioso da serpente em monumentos da Era Viking (sécs. VIII-XI). 2023. 272 f. Tese (Doutorado em Ciências das Religiões) - Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2020.

PÃRÕKUMU, Umusi. KERIRÍ, Toramu. **Antes o mundo não existia**: Mitologia Desana-Kèhípõrã. Rio de Janeiro: Dantes Ed., 2019.

PEREIRA, Sandro. O mito de Quetzalcóatl e sua identidade com os mitos da Mesopotâmia e do mediterrâneo. **XII Simpósio da ABHR**, 31/05 – 03/06 de 2011, Juiz de Fora (MG), GT 13: Culturas, religiões e identidades em movimento: aportes teórico-metodológicos para fontes judaico-cristãs antigas. Disponível em: http://revistaplura.emnuvens.com.br. Acesso em: 23 jan. 2023.

PESSOA, Cleandro de Oliveira. **A simbologia da serpente no antigo oriente próximo, na Sagrada Escritura e na literatura extracanônica**. 2020. 151 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Universidade Católica de Pernambuco, Pernambuco, 2020.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. 2. ed. Curitiba: Editora CRV, 2017.

ROSI, Marcos Henrique de Oliveira Zanotti. **O silvo da serpente: saberes poéticos em narrativas indígenas sobre a cobra grande**. 2021. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Pará, Belém, 2021.

SANTOS, Valdenei de Souza. **O imaginário amazônico na várzea parintinense e as narrativas do boto, na Comunidade do Sagrado Coração de Jesus da Costa da Águia**. 2017. 137 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

YAMÃ, Yaguarê. **Sehaypóri.** Editora Peirópolis. São Paulo, 2007.

Notas

[i] Armadilha produzida a partir da tala de guarumã, com formato de paneiro, para pegar perema ou jabuti.

[ii] Armadilha produzida a partir da árvore do caranã, que cortada em pedaços compridos serve para pegar peixes.

[iii] Movimento ondulatório e agitações das águas do rio, lagos ou igarapés.

Sobre as autoras

Zilene dos Reis Maciel
Doutoranda e Mestra (2024) em Educação pela Universidade do Estado do Pará. Graduada em Letras - Língua Portuguesa pela mesma instituição. Possui especialização em Ensino de Língua e Literatura nos Anos Iniciais e na EJA (UFPA/2025) bem como em Metodologias do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura na Educação Básica (UNOPAR/2023). É pesquisadora integrante do Grupo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA/UEPA).
E-mail: zilenereismaciel@gmail.com
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5780-8965

Nazaré Cristina Carvalho
Possui pós-doutorado em Educação (PUC/RJ, 2014), doutorado em Educação Física e Cultura (UGF, 2006) e mestrado em Educação (UNIME, 1998). É licenciada em Educação Física e Ciências Sociais. Atualmente, é professora adjunta da UEPA (Departamento de Artes Corporais e PPGE). É vice-líder do grupo de pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA/UEPA/CNPq) e membro da ANPEd. Atua em Educação Física e Cultura, com ênfase em infância, ludicidade, corporeidade e imaginário social.
E-mail: n_cris@uol.com.br
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8417-3504

Recebido em: 26/03/2026
Aceito para publicação em: 27/06/2026